

Classificação Furada

J. Roberto Whitaker Penteadó

Um amigo, que exerce funções de chefia numa importante empresa de comunicações, sugeriu-me - como tema de artigo - "acabar com essa palhaçada de classificação socioeconômica no Brasil". Confesso que me diverti a sua franqueza. E não creio que iria muito longe se começasse o texto com essa proposta. Mas que ele tem razão, isso tem.

Fiquei ainda mais convencido, quando vi o trabalho publicado pela nova revista de domingo de O Globo - no seu primeiro número, no mês passado - sobre o perfil do que chamaram, na capa, de "classe média" brasileira. A culpa não é do jornal, que se baseou nos resultados preliminares da Pesquisa de Orçamentos Familiares feita em 2000 pelo IBGE. Nem do IBGE. A culpa é coletiva, social e histórica.

Pela pesquisa, "classe média" é uma família que ganha R\$ 3 mil ou mais. Não discuto com o "ou mais", mas - decididamente - uma família de 3 ou 4 pessoas que tenha de sobreviver com menos de mil dólares por mês - em qualquer lugar do mundo no Século 21 - é uma família pobre. Não é miserável, não passa fome, mas é pobre. Não poderá por o filho numa boa escola, nem manter um carro, ou ir a um restaurante de preço médio uma vez por semana que seja. O Estado brasileiro pensa da mesma forma doentia, quando estabelece como TETO salarial - para confiscar 27,5% dos ganhos da família - a importância ridícula de R\$ 2.115,00. Você já parou para pensar que um assalariado que ganhe R\$ 2.200 e outro que ganha R\$ 50.000 são descontados exatamente na mesma proporção? Tenho até medo, ao escrever isso, pois pela mentalidade que grassa por aí não vão pensar em diminuir o imposto do coitado que ganha os 2 mil, mas sim aumentar o de 50...

Se tivesse mais espaço, gostaria de discutir um pouco mais as origens históricas e a evolução das classificações socioeconômicas que usamos tão mal para preparar os nossos planos de marketing. Elas nasceram de Marx - imagine - e foram adotadas primeiramente nos EUA pelas grandes agências de propaganda, para apurar a mira com relação à sua seleção de mídia. Isso ocorreu na primeira metade do século passado e - de lá para cá - quase nada mudou.

Meu guru Homero Icaza Sanchez - há três décadas - fazia palestras na ESPM para dizer que essas classificações de nada serviam. E não há um bom profissional de pesquisa que as defenda. Só que ainda não apareceu uma fórmula simples e abrangente para substituí-las. Continuamos usando-as por força do hábito - e, com toda certeza, cometendo erros cada vez maiores.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Classificação Furada. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadó**, Rio de Janeiro, ago. 2004. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=300&ID=224>>. Acesso em: 15 set. 2009.